

FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Rev. Gildásio Jesus B. dos Reis

Se queremos ter uma Educação cristã responsável e distintamente evangélica, nós os educadores cristãos, devemos examinar cuidadosamente os fundamentos bíblicos para a Educação Cristã. As Escrituras Sagradas são a fonte essencial para entender a educação cristã e portanto, é fundamental que a prática e os métodos do educador cristão sejam guiados pelas verdades reveladas de Deus a medida que ele procura ser obediente a Cristo na tarefa educacional.

I. A EDUCAÇÃO CRISTÃ NO ANTIGO TESTAMENTO

As Escrituras hebraicas podem ser divididas em três partes. Jesus usou esta divisão quando se referiu a “tudo o que de mim está escrito na *Lei de Moisés*, nos *Profetas* e nos *Salmos*” (**Lc 24.44**). Convém olhar e examinar sistematicamente cada divisão para descobrir o que o Antigo Testamento diz sobre o ensino e para demonstrar a função didático-pedagógica do próprio AT, um paradigma para o educador cristão¹.

1. A Educação na Lei de Moisés – O Pentateuco.

Os livros da Lei relatam as histórias fundamentais do povo de Israel (a criação, a chamada de Abraão, o êxodo, a peregrinação até a terra prometida), que se tornam a “história da salvação”. De geração em geração o povo de Israel contava estas histórias que explicavam a sua fé e comemorava anualmente os grandes feitos de Deus nas suas festas religiosas. Graças ao aspecto repetitivo do seu ensino, a herança histórica, as orientações éticas e os ensinamentos que os judeus transmitiam a seus filhos chegaram até nós através do Antigo Testamento.

O Pentateuco conta uma história, a história de Deus e Seu povo, desde suas origens até sua peregrinação no deserto e chegada à terra prometida:

Gênesis e Éxodo: narrativas repletas de histórias de amor e intrigas familiares, onde a mão de Deus sempre se faz presente e soberana. (Êxodo 12.26; 13.8, 14)

Levítico e Números: instruções e raízes císticas e os fracassos do povo peregrino. Em Levítico há detalhadas instruções císticas, ceremoniais, legais e éticas. Os Levitas eram responsáveis pelo ensino (Lv 10.11; 2 Cr 35.3).

Deuteronômio: temos uma reflexão teológica sobre as histórias e leis já conhecidas e uma preparação pedagógica para o novo futuro na terra prometida.

Deuteronômio é um livro de instruções ou de preparo para entrar na terra prometida, e

¹ Este capítulo e o seguinte foram adaptados da obra de Sherron K. George : Igreja Ensinadora, da Editora Luz Para o Caminho .

entre as instruções, há muita orientação para os pais.

A passagem de Dt 6:1,2,4-9 e Dt 31.9-13 nos mostram alguns princípios educacionais: Quanto ao propósito, ao mestre, ao estudante, ao conteúdo e ao contexto da educação. Vejamos²:

A. Quanto ao propósito: O mandato de Dt 6:4-9 requer passar os mandamentos de Deus a seguinte geração. Sua meta final é promover um amor a Deus que se expresse em lealdade e obediência incondicional. Amar a Deus é responder a uma chamado singular (4:9), ser obediente (11:1-22; 30:20), guardar os mandamentos de Deus (10:12; 11:1,22;19:9); prestar atenção a voz divina (11:13; 30:16) e servir a Deus (10:12; 11:1,13).

B. Quanto ao Professor : Em seu sentido último, Deus é o mestre da educação bíblica. Deus é o autor e revelador de toda verdade e todos os outros mestres estão debaixo desta verdade. Não obstante recai sobre os pais esta responsabilidade. Os mandamentos, os estatutos e os juízos de Deus devem ser guardados no coração e inculcados aos filhos através de repetições diárias: assentados em casa, andando pelo caminho, ao deitar e ao levantar.

C. Quanto aos alunos: Mediante o ensino e exemplo do mestre, o aluno é chamado a entender, crescer e obedecer a palavra revelada de Deus.

D. Quanto ao conteúdo: O conteúdo essencial da educação cristã de acordo com Dt 6 são os mandamentos de Deus que Moisés nos mandou ensinar.

E. Quanto ao contexto: A verdade deve integrar toda a vida e afetar cada área da vida cristã. O contexto inclui todas as situações nas quais os pais podem comunicar a seus filhos a palavra de Deus. Aqui vemos que a fé em Deus está relacionada com a vida diária (educação informal).

F. Quanto ao método: Um dos métodos de ensino e transmissão de cultura mais antigo e onipresente nas sociedades humanas é o de contar ou narrar as histórias fundamentais de um povo

G. Quanto a quem ensinar: Dt 31

H. Quanto à progressão do ensino : Dt 31 (ouvir, aprender e temer)

Deuteronômio 30-32: Entendendo a natureza da Educação Cristã

Dt 30.11-20: A educação cristã implica compartilhar conhecimento, e encorajar resposta a esse mesmo conhecimento, que resulte em vida.

Dt 31.9-13: A Quem ensinar e a progressão do ensino.

Dt 31.30; 32.4: enfatiza a importância de ler e ouvir a lei de Deus.

² Devo estas noções a Robert W. Pazmino, *Cuestiones Fundamentales de La Educacion Cristiana*. Editorial Caribe. 1995 . p. 19-21

2. OS PROFETAS

A segunda divisão das Escrituras hebraicas é os Profetas. Esta divisão do cânon inclui os “profetas anteriores” (Josué, Juízes, Samuel, Reis) e os “profetas posteriores” (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os doze Profetas Menores).

Esta segunda parte do Antigo Testamento revela a falta da vida de “fé vivenciada”.

Período na história caracterizado por tumulto, incerteza e tensão. “Naqueles dias não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto.” (Juízes 21.25). É um livro de fracasso, derrota e pecado.

Havia crises políticas e espirituais. Em tempos de crise e incerteza, o profeta anuncjava a mensagem do Senhor. Era um pregador que trazia a palavra do Senhor através de proclamações muitas vezes dramáticas (Jr 37.16-21).

Objetivo da educação: O sistema educacional está direcionado para o aspecto corretivo. A análise crítica do profeta não é direcionada ao conteúdo programático, mas à atitude do aprendiz. (No Pentateuco: ensina como. Nos profetas: corrige e repreende).

O métodos de ensino: Os profetas não apenas pregavam, criticavam as estruturas, e imaginavam a realidade do Reino, pois tinham seus discípulos (Is 8.16). Sabe-se que os profetas tinham o costume de ter discípulos. Esses discípulos receberam os ensinamentos dos profetas mestres, partilharam sua visão e vitalidade, e a eles devemos a preservação de muitos dos ensinamentos proféticos.

Didática dos profetas. Eles usavam freqüentemente métodos visuais. Isaías andou despidão e descalço (Is 20), Jeremias despedaçou o vaso do oleiro (Jr 19) e Ezequiel cercou uma cidade em miniatura (Ez 4).

Os sacerdotes e escribas também ensinam: Neemias 8.2,3; Esdras 7.5-10

Pazmino afirma que:

“As responsabilidades dos educadores ou dos mestres incluem: 1) A proclamação, isto é, ensinar a palavra; 2) A exposição, isto é, a tradução e a explicação da palavra; e 3) A exortação, ou seja, a aplicação na expectativa de se ter uma resposta daqueles que nos escutam.

E as responsabilidades daqueles que nos ouvem é: 1) conhecer a palavra, prestando atenção naquilo que está sendo ensinado; 2) entender a palavra, respondendo a sua exposição; 3) obedecer a palavra e 4) adorar a Deus, como resposta de sua transformação.³

³ Ibidem., p. 30

3. OS ESCRITOS

A terceira divisão do cânon hebraico, os Escritos, contém uma coletânea de livros diversos, portanto, vários têm uma intenção e uma forma obviamente didáticas. Os livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes procuram responder à pergunta: “**Onde se achará a sabedoria?**” (Jó 28.12). Enquanto as perguntas nos livros da Lei são mais objetivas, as perguntas nos Escritos têm um caráter mais subjetivo e existencial, e nem sempre as respostas são fáceis ou claras.

As reflexões, indagações e dúvidas registradas especialmente em Jó e Eclesiastes demonstram que uma finalidade da educação é criar espaço para questionamentos, investigações científicas e filosóficas, observações, debates e descobertas. Enfim, o processo educativo se torna uma busca existencial que envolve diálogo com muitas pessoas e pesquisa de todos os temas da vida. Não é um processo fechado, controlado, manipulado ou abafador. Ao contrário, é um processo aberto, que envolve todos os aspectos da vida e da experiência humana no mundo.

NO LIVRO DE JÓ: A descoberta da sabedoria se faz através das experiências no mundo.

É permitida a Jó, servo “íntegro e reto” de Deus, uma imersão total nas perplexidades, sofrimentos e contradições da vida humana. As respostas de Deus não lhe vêm automaticamente, mas no fim de um longo processo de reflexão introspectiva e emotiva e de diálogo com os outros e com Deus. Sim, é um processo dialógico através do qual o Soberano, o detentor de toda a sabedoria, sustenta, nutre e molda seu servo. Porém, a descoberta da sabedoria se faz através das experiências no mundo.

NO LIVRO DE PROVÉRBIOS: Tratando também da sabedoria, o livro de Provérbios tem muita instrução que é diretamente didática. **Os Provérbios não contém teorias ou filosofias especulativas, mas ensino muito prático.** Um problema bastante sério na história da educação e filosofia ocidental é a demasiada prioridade dada a teorias cognitivas, ou seja, ao **intelectualismo acadêmico, no ensino**. O resultado freqüente tem sido uma **dicotomia entre teoria e prática**, e, enfim, a negligência ou até o desprezo da prática nas instituições educacionais. No seminário se aprende a teologia. Na igreja se estuda a Bíblia e a doutrina. Porém, na vida se pratica uma ética divorciada da teoria, caindo em mil incoerências e hipocrisias.

Pois bem, é só ler Provérbios, um manual de instrução, e entende-se a importância da vida prática, da moralidade, da ética. Por exemplo, encontramos um ensino prático em **Provérbios 3.7**: “Não sejas sábio aos teus próprios olhos: teme ao Senhor e aparta-te do mal.” Outro ensino prático está em **Provérbios 1.8**: “Filho meu, ouve o ensino de teu pai, e não deixes a instrução de tua mãe”. No Oriente, o aluno é tratado desta maneira, mas também está bem claro em **Provérbios 4.1-4; 10.1 e 13.24** que os pais são responsáveis pela educação dos seus filhos.

QUEM É ENSINADO: O ensino prático de Provérbios é dirigido aos pais, aos filhos, referindo-se também às crianças e aos jovens, enfim, há ensino para todas as faixas etárias. O objetivo do livro de Provérbios é: “para aprender a sabedoria, e o ensino... para obter o ensino do bom proceder... para dar aos jovens conhecimento e bom siso” (1.2-4).

ASSUNTOS: Além de abranger todas as idades com seus ensinos, Provérbios aborda uma gama enorme de assuntos, incluindo a língua, o estado psicológico de calma e tranqüilidade, orientação para o futuro, disciplina da criança, sono suave, segurança, sedução, adultério, mentira, negócios e a mulher virtuosa. Todos são assuntos eminentemente hodiernos e práticos.

NO LIVRO DE SALMOS: Embora o livro dos Salmos seja mais dedicado ao culto e à adoração, também existem nele recursos pedagógicos. Por exemplo, o título do Salmo 78 é: **Salmo didático de Asafe**. Este Salmo fala da transmissão da fé bíblica dos pais a seus filhos, a vindoura geração.

Os Salmos 105 e 106 relatam a história do povo de Israel. São exemplos de como a narração faz parte do culto. Nos Salmos se expressa a resposta humana à iniciativa divina. Os aspectos de confiança e obediência se destacam. O fim de todo ensino é o desenvolvimento de um relacionamento de confiança em Deus e o comportamento caracterizado por obediência à vontade de Deus.

Por fim, os Salmos, nada mais, nada menos são que todo o conteúdo da fé vivenciada de Israel expressada artisticamente. São acrósticos, poemas, canções de lamento ou louvor, hinos, tudo para em culto confirmar a aliança de Deus com Seu povo.

CONCLUSÃO: Após essa breve apresentação de ênfases e evidências didáticas em todas as três divisões do Antigo Testamento, chega-se à conclusão de que o ensino tem raízes profundamente bíblicas. O Antigo Testamento em si é um instrumento pedagógico. O Pentateuco apresenta as singulares narrações do povo de Israel e as instruções morais e ceremoniais de Deus. Os Profetas criticam e desafiam as estruturas que se desviam da Lei de Deus e pregam uma alternativa no Reino de Deus. Nos Escritos o ensino é prático, existencial, reflexivo e abrangente. Na própria estrutura do cânon hebraico temos um modelo de ensino.

Tal análise deve conduzir-nos a reflexão sobre a pedagogia que estamos usando. Se detectarmos um ensino mantenedor do “status quo”, vazio de experiência prática de vida cristã, sem transformação alguma, uma revisão profunda e significativa precisa ser iniciada de nossa parte, no que diz respeito ao nosso proceder pedagógico. Só assim teremos um ensino que verdadeiramente seja bíblico e dinâmico.

SÍNTESE

Demonstra este capítulo não só a fundamentação bíblica e teológica do ensino na Bíblia, como também a instrumentalidade didático-pedagógica do próprio Velho Testamento, um paradigma para o educador cristão.

Desta forma, agrupam-se os livros bíblicos de acordo com seus métodos de ensino em diferentes momentos da história do povo de Deus: no Pentateuco, a reflexão teológica em Deuteronômio mostra que a tradição tem significado presente no processo educativo e socializante dos filhos da promessa; nos Profetas, a análise crítica e questionadora, contextualizante, mostra inovações didáticas e dramáticas para levar o povo a compreender as Escrituras. Com os Escritos, a experiência humana é vivida na

carne. Em suma no cânon hebraico, um modelo de ensino.

II. A EDUCAÇÃO CRISTÃ NO NOVO TESTAMENTO

No capítulo anterior, descobriu-se muito material, e fundamentos profundamente didáticos, nas três divisões do Antigo Testamento. Contudo, é no Novo Testamento que se encontra o Mestre, o Professor dos professores, Jesus. Ele ensinou as afluentes massas e treinou os doze discípulos. O Novo Testamento também registra a visão de ensino da Igreja Primitiva e do apóstolo Paulo. Examinemos o ensino de Jesus nos Evangelhos, o ensino apostólico no livro de Atos e o ensino paulino nas suas Cartas, para descobrir mais embasamento bíblico para o ensino.

1. O ENSINO DE JESUS, O MESTRE, NOS EVANGELHOS

Os quatro Evangelhos registram a vida e os ensinos do Mestre, Jesus. Jesus é apresentado nos Evangelhos principalmente como um Mestre. Ele era conhecido como Mestre ou Rabi, que quer dizer, instrutor ou professor. Nicodemos disse: “Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus” (João 3.2). Os dez leprosos gritaram: “Jesus, Mestre, compadece-te de nós!” (Lc 17.13). (Veja também Mt 19.16; Mc 5.35; Jo 11.28; 20.16, etc.).

Jesus afirmou: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou” (Jo 13.13).

J.M. Price diz: “Nos Evangelhos, Jesus é chamado mestre nada menos de quarenta e cinco vezes, e nunca se fala nele como pregador [...] Fala-se em Jesus ensinando, quarenta e cinco vezes; e onze apenas pregando, e, assim mesmo, pregando e ensinando” (15-16). Price continua, dizendo: ‘Toda a obra de Jesus estava envolta em atmosfera didática’⁴

O ministério de Jesus estava voltado para o ensino de uma forma altamente didática ao trabalhar intensamente a relação: professor-aluno-mensagem (currículo).

Qual, porém, foi a marca ou característica dominante do Mestre? Foi, sem dúvida, a *encarnação da verdade*. Jesus também encarnou seus ensinamentos. Antes de tudo, Jesus era um exemplo e modelo de tudo que ensinava. Sua autoridade vinha de seu exemplo. Ele vivia o que ensinava. Com total coerência, Jesus ensinava primeiramente pelas ações e, em segundo plano, pelas palavras. Ele ensinava através de sua própria vida, e incentivava os discípulos a amar ao próximo a partir de seu exemplo: “Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (Jo 15.17).

No relacionamento com seus alunos, o/a professor/a tem a oportunidade de comunicar a verdade bíblica, de modelar esta verdade na sua vida e de levar o/a aluno/a a dela se apropriar. O/A aluno/a tem o privilégio de participar ativamente nesse processo de aprendizagem.

⁴ Price, A Pedagogia de Jesus.

Se os nossos professores hoje em dia seguissem o exemplo de Jesus e vivessem vidas dignas de ser imitadas, o ensino seria mais eficaz. A educação secular requer de seus professores apenas conhecimento e formação técnica adequada ao ensino que será ministrado, ao passo que a educação cristã, para atingir seus objetivos, necessita de professores que tenham uma vida digna do evangelho que proclamam. E necessário negar-se a si mesmo, tomar a cruz e segui-Lo, não apenas de palavras, mas de atitudes.

Os três primeiros Evangelhos são conhecidos como os Sinóticos,¹ porque há neles muitos paralelos e semelhanças (sinótico quer dizer “visto junto”). Havia muito ensino oral sobre a vida de Jesus, e logo sentia-se a necessidade de escrever breve manuais para instruir os cristãos sobre Jesus. Cada autor utilizou certas fontes ou tradições sobre a vida e os ensinos de Jesus, e os Evangelhos foram pensados no pano-de-fundo de uma comunidade específica com seu contexto e suas necessidades. Por isso, as ênfases e intenções são variadas. Cada evangelista conta a história de Jesus com sua ótica e dentro das suas perspectivas e propósitos definidos. Mas para atingir seus objetivos pedagógicos, cada autor recorre ao Mestre e ao seu ensino.

Mateus escreve seu relato da vida de Jesus para ensinar sobre a vida interna da comunidade cristã e as implicações éticas do Cristianismo. Por isso, ele dá grande importância aos ensinamentos de Jesus; o Messias. Ele escreve para cristãos de fala grega, a maioria dos quais era de origem judaica ou eram elementos que estavam engajados em conflitos com o Judaísmo. Por isso, faz muitas citações e alusões ao Antigo Testamento e patenteia uma reinterpretação da lei mosaica. Ele também apresenta uma “apologética”, ou seja, uma defesa da fé cristã, para ajudar a comunidade a atingir pessoas indiferentes ou judeus militantes.

Com ênfase no ministério didático, Mateus apresenta cinco discursos de Jesus:

- 1) *Discurso no Monte (Mt 5-7)*
- 2) *Discurso sobre Missão (Mt 10)*
- 3) *Parábolas do Reino (Mt 13)*
- 4) *Discurso sobre Disciplina (Mt 18)*
- 5) *Discurso sobre o Fim e o Julgamento (Mt 23-25).*

Mateus identifica a temática principal do conteúdo programático do Messias logo no início, após o batismo e a tentação de Jesus: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (4.17).

Com este versículo começa uma seção do Evangelho que vai até 11.30 e focaliza a mensagem, o ministério e os discípulos do Messias.

Em Mateus 4.23, o evangelista nos apresenta um resumo do ministério de Jesus: “Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades”. O ministério mencionado primeiro aqui e em Mateus 9.35 e outros textos é o ministério de ensino.

¹ Tratar-se-á apenas dos Sinóticos neste capítulo. O quarto Evangelho, João, tem muitas diferenças em estilo e linguagem. Não há parábolas, apenas sete milagres. Os discursos são mais relacionados com a pessoa de Jesus do que com a ética. Há bastantes encontros pessoais. O aspecto pedagógico de relacionamentos pessoais é importante. Este Evangelho é essencialmente teológico. Não o consideraremos, porque o ensino de Jesus está bastante claro nos Sinóticos, e principalmente porque no esboço do capítulo, liga-se os livros de Lucas e Atos.

Os capítulos 5, 6 e 7 de Mateus são conhecidos como o Sermão do Monte. É interessante, portanto, notar o início e o fim desta passagem. Ela começa assim: “ele passou a ensiná-los, dizendo...” (5.2), e o evangelista encerra o relato com estas palavras: “estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque Ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (7.28,29). É claro que não foi um sermão. Mateus 5-7 contém um discurso ou uma coletânea de ensinamentos de Jesus, um resumo da sua mensagem da ética do reino, entregue com a autoridade do Rei.

Os doze receberam muito ensino de Jesus, e em Mateus 10.5 Ele os enviou. Neste capítulo Mateus amplia consideravelmente as instruções dadas no discurso sobre missão (10.5-42; compare Mc 6.7-13; Lc 9.1-6).

Esta parte do evangelho, que destaca o conteúdo, o ministério ou exemplo, e os discípulos/alunos do Mestre, termina com um convite, em 11.28-30. Para os judeus oprimidos pelos pesados fardos da lei impostos pelos fariseus, e para os cristãos aflitos e confusos no momento de organização da Igreja ao meio de perseguição, o Mestre disse: “Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração...” (Mt 11.28,29).

“Aprende de mim...” Jesus se coloca como Mestre *sui generis* e exemplo. “E ser aluno de Jesus é ter um Professor muito gentil e inclinado à humildade, que nunca se impacienta com os que são lentos para aprender e jamais é intolerante com os que tropeçam” (Tasker, 1991:97).

Após mais três discursos, antes de voltar ao céu, Jesus dá suas últimas instruções à comunidade, conhecidas como a Grande Comissão: “Ide, fazei discípulos... batizando-os... ensinando-os” (Mt 28.19,20). Ele define a missão e o propósito da Igreja. O batismo assinala o ingresso do cristão na Igreja. Mateus é o único sinótico que usa a palavra “Igreja” (16.18). O ensino assegura o processo de crescimento do discípulo de Jesus e a edificação de Sua Igreja.

O Evangelho de Marcos foi escrito para uma comunidade cristã de origem gentia que sofria perseguição. Enquanto Mateus destaca temas ou tópicos e discursos, o Evangelho de Marcos é um livro de ação que relata fatos. Seu estilo é claro e sucinto. Com grande objetividade, Marcos relata latos importantes na vida de Jesus, o Servo de Deus. O Servo, portanto, tem divina autoridade, e entra em conflito com os líderes religiosos. Jesus está constantemente indo de um lugar para outro, sempre muito ativo, cercado por seguidores e perseguidores. Contudo, as atividades não diminuíram o ensino. Marcos O apresenta muitas vezes e em muitos lugares ensinando (1.21,22; 4.1,2; 8.31; 9.31; 12.35). Parece que a maior ocupação de Jesus foi o ensino.

Os Evangelhos apresentam o Mestre ensinando as multidões, mas, de maneira especial, Ele ensinava os discípulos. Após 13 breve versos (Mc 1.1-13) que destacam a preparação do Mestre, o conteúdo programático de Jesus é esboçado: “O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (1.15). O centro da mensagem de Jesus era o Reino de Deus. Esse Reino exige dos súditos uma resposta de vida.

Marcos destaca a presença dos discípulos. Logo no primeiro capítulo, Jesus chama Simão e André (1.16-20), e a seguir, Levi (2.13-14), dizendo-lhe: “Segue-me!” No terceiro capítulo, Marcos já relata a escolha dos doze (3.13-19). Jesus os chamou, antes de tudo, “para estarem com ele” (3.14). O seu método de formação partia de um relacionamento pessoal, íntimo e constante, da convivência diária.

Deste modo, destaca-se a relação aluno-professor. No ensino informal há comunicação através de relacionamento. Jesus os ensinava, e os discípulos participavam ativamente no processo. Neste relacionamento, os discípulos observavam, ouviam, perguntavam, respondiam, agiam, seguiam, imitavam e obedeciam. Os doze receberam um treinamento intensivo e extensivo. Eles foram treinados através da convivência com Jesus.

Lawrence Richards diz: *“fazer discípulos é um processo de relacionamento interpessoal, que envolve professor e aluno em muitas experiências da vida real [...] parece exigir um contexto de vida, um modelo do qual o discípulo pode aprender, através do relacionamento íntimo”* (26).

Portanto, a convivência não é um fim em si. Marcos 3.14 diz: “Ele designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios.” O plano era ensinar ou treinar para enviar com propósitos ministeriais específicos. Quando o ensino bíblico não visa a treinar, preparar, equipar e enviar, não segue o modelo de Jesus.

Os discípulos estão sempre presentes no relato de Marcos, às vezes imaturos, impulsivos, tímidos, até incrédulos, nem sempre compreendendo o Seu ensino, mas tentando segui-Lo e imitá-Lo. Enfim, praticaram o que Jesus ensinava: “Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois.” (6.7) Sem um modelo e sem instruções o Mestre não os enviava, mas o ensino nunca ficou só na teoria. A prática era imprescindível. Quando Marcos relata a missão dos doze (6.7-13), ele diz que voltaram e “lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado” (6.30). Os estágios dos discípulos seguiram o modelo de todo bom ministério supervisionado, com relatórios e *feedback*.

Dos três Evangelhos Sinóticos, Lucas é o único que se inicia com uma introdução esclarecendo seus propósitos e métodos. Esta introdução (Lc 1.1-4) é uma chave ao livro. Seu alvo é fazer “uma exposição em ordem” da vida, morte e ressurreição de Jesus. Ele escreve para “Teófilo”, um indivíduo, ou um representante dos cristãos que “amam a Deus” e buscam orientações e informações. No seu segundo volume, Atos, Lucas faz outra introdução, e nela refere-se ao assunto do primeiro. Ele começa assim: “Escrevi o primeiro livro, o Teófilo, relatando todas as cousas que Jesus começou a fazer e a ensinar, até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas” (At 1.1,2). Ele apresenta Jesus como o centro da história e evidencia como a Igreja dá continuidade na missão aos gentios.

O autor de Lucas-Atos era gentio, talvez convertido em Antioquia uns quinze anos após o dia de Pentecoste, amigo e colega de Paulo. Em Colossenses 4.14 ele recebe o título de “o médico amado”, mas também era pregador, missionário, historiador e apologeta.

Lucas enfatiza a humanidade de Jesus, começando com o relato detalhado do nascimento do “Salvador, que é Cristo, o Senhor” (2.11) e o único quadro de sua juventude (2.41-52). Ele destaca o contato e compaixão de Jesus para com os pequenos e marginalizados, pobres, mulheres, crianças, enfermos, pecadores e gentios, mas não deixa de travar seu diálogo também com líderes e doutores. Ele aborda bastante as questões materiais do discipulado, como posses e dinheiro e também destaca o lado espiritual com ênfase na oração e no Espírito Santo.

A parte do relato sobre o ministério de Jesus na Galiléia começa em 4.14-15 com um resumo onde a ação pedagógica está destacada: “E ensinava nas sinagogas, sendo glorificado por todos” (vs. 15).

Em sintonia com os temas destacados em Lucas, Jesus define seu conteúdo programático servindo-se das palavras de Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e pregar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18-19).

A próxima e maior divisão do Evangelho começa em 9.51 e vai até 19.28. Jesus, o Mestre determinado e vocacionado, “manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém” (9.51). Durante dez capítulos, o evangelista registra a caminhada para Jerusalém. O foco está nos discípulos que O acompanham. É um curso avançado no discipulado. Jesus prepara-os para pagar o preço. Os assuntos são profundos e o ambiente está carregado com tensão e antecipação da oposição e consequente morte em Jerusalém. No caminho havia muito diálogo, comunhão de mesa, interrupções e perguntas.

Além de seu caráter idôneo, o próprio estilo do ministério de Jesus foi altamente didático. Como qualquer habilidoso pedagogo, o Mestre Jesus usava muitos métodos de ensino. Desde os tempos de Sócrates e Platão, até a “pedagogia da pergunta” de Paulo Freire, usam-se perguntas com intenção didática. Desde os doze anos no templo com os mestres (Lc 2.46), Jesus fazia e respondia perguntas. Alguém diz que há 154 perguntas suas registradas na Bíblia.

Como exemplo, vejamos o texto de Lucas 10.25-37. Chega-se um “intérprete da lei”, um doutor, e diz-lhe: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna? (vs. 25). Como é que Jesus responde sua pergunta? Ninguém sabe a resposta com perfeição maior do que Jesus. Ele é “dono da verdade” e poderia expô-la na hora. Mas, em vez de dar urna resposta, Jesus lhe faz duas perguntas: “Que está escrito na lei? Como interpretas?” (vs. 26).

As perguntas de Jesus exigiam leitura e interpretação ou pensamento crítico por parte do doutor. Jesus respeitava o conhecimento e a experiência dele e Lhe deu oportunidade e espaço para compartilhá-los.

E a resposta do doutor, foi correta? Sim! Citou Deuteronômio 6.5e Levítico 19.18, os mesmos textos que o próprio Jesus também usou em outra ocasião (Mc 12.30-31). Jesus reconhece e elogia sua resposta: “Respondeste corretamente”, e acrescenta mais um aspecto fundamental na sua pedagogia, “faze isto” (vs. 28).

Quando Jesus deixa claro que o conhecimento deve ser mais profundo do que o cognitivo, o intelectual, que envolve também o comportamental através de ações coerentes, o doutor sente-se desafiado a tomar posição pessoal, e para continuar num nível especulativo e teórico, faz-lhe outra pergunta: “Quem é o meu próximo?” (vs. 29).

Jesus, por sua vez, lança mão de outro recurso didático, recurso esse que Lhe era caro, e conta uma história sobre um bom samaritano. No fim dela, sem dar uma conclusão ou lição moral, Ele faz mais uma pergunta: “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (vs. 36). Outra vez, o doutor acerta, e a última palavra de Jesus é um desafio à ação: “Vai, e procede tu de igual modo” (vs. 37). Jesus sempre levava o discípulo à reflexão e ação.

O Mestre valorizou o “aluno”, deu-lhe espaço para responder perguntas, levou-o a pensar, refletir e tirar suas próprias conclusões e desafiou-o a comprometer-se com uma ação coerente com o conhecimento e a reflexão. Portanto, deu-lhe liberdade para ouvir, entender e responder, ou não. E as perguntas foram fundamentais no processo pedagógico-reflexivo-decisório.

Em contraste com o intérprete da lei, a perícope que se segue apresenta Maria, “e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos” (Lc 10.39). O Mestre aqui rompe barreiras culturais, pois um Rabi nunca ensinaria a qualquer mulher.

Um dos mais populares veículos pedagógicos de Jesus foi a parábola. Marcos 4.2 diz: “Assim lhes ensinava muitas coisas por parábolas, no decorrer do seu doutrinamento” (Veja Mt 13.3). A parábola prendia o interesse dos ouvintes, tornava o ensino concreto e contextualizado, e provocava uma decisão ou compromisso.

Parábolas constituem 50% do Evangelho de Lucas. Há pelo menos vinte parábolas em Lucas 9.51-19.28, na jornada de Jesus para Jerusalém. No caminho, Ele ensinava especialmente seus discípulos numa tentativa de aprofundar sua compreensão do significado do verdadeiro discipulado. Para este ensino Ele não usou uma “teologia sistemática”, mas seu próprio exemplo e as parábolas. A parábola levava os discípulos a pensarem, a refletirem, a se posicionarem. Ela não trazia respostas prontas, e nem impunha compromissos ou decisões. Tinha cada ouvinte que fazer suas próprias identificações e aplicações. A posição impossível era a neutralidade. A parábola forçava algum posicionamento, o discípulo é que definia seu compromisso. O objetivo era de conduzir o discípulo/aluno ao compromisso de uma vida coerente com suas descobertas, isto é, seus atos e suas palavras estariam em perfeita harmonia com o Reino de Deus.

Tal ênfase de Jesus no uso criativo das parábolas chama-nos a atenção para o fato de que a Igreja de hoje não é artística. Resta perguntar: devemos ter hoje nossas próprias parábolas, contextualizar as de Jesus ou buscar a sua interpretação? Como método pedagógico, cada uma das propostas acima tem o seu espaço no ensino. Portanto, a excessiva preocupação em repetir a “sã doutrina” não nos deixa espaço para criar novas parábolas. Logo, até peças teatrais, literatura de ficção, romances são mal vistos e desincentivados em nosso meio. Não se incentiva a “imaginação” das crianças ou dos jovens.

Chega-se a Jerusalém e o evangelista relata a paixão e morte de Jesus. Após sua

ressurreição, Jesus se encontra com dois discípulos no caminho de Emaús. Aquele que durante todo o Evangelho foi o companheiro dos fracos, “se aproximou e ia com eles” (Lc 24.15).

De acordo com seu estilo didático, Ele entra dialogicamente no assunto deles e lhes faz várias perguntas: “Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando á medida que caminhais?” (vs. 17). Quando eles quase O repreendem por sua “ignorância” dos fatos ocorridos, ele ainda pergunta: “Quais?” (vs. 19). Isto é incrível, Quem sabia mais dos fatos do que Jesus? Ele foi o ator principal, o sujeito, a vítima!

Mas o Mestre deu-lhes espaço para contarem sua história de tristeza, decepção, confusão e esperança que falhou. Somente depois de ouvi-los, Ele, “começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (24.27).

A exposição sistemática os deixou curiosos e interessados. Queriam mais, e “o constrangeram” a ficar. Foi no momento de comunhão mais pessoal e íntima ao redor da mesa, quando Jesus partiu o pão, “então se lhes abriram os olhos, e o reconheceram” (vs. 31). Eles imediatamente agiram de acordo com o conhecimento e voltaram a Jerusalém para compartilhar com os demais discípulos.

O Evangelho de Lucas termina com uma promessa e uma ordem: “permaneци, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (24.49), e a ascensão de Jesus, um marco histórico e altamente significativo. O livro de Atos começa com a ascensão, os discípulos esperando a promessa e a descida do Espírito Santo. No livro de Atos encontra-se a continuação do ministério de Jesus por intermédio da Igreja Primitiva. Os apóstolos seguiram o exemplo de Jesus: pregando, curando e ensinando.

2. O ENSINO APOSTÓLICO EM ATOS

Na introdução Lucas faz um elo de ligação entre seus dois volumes, lembrando os “quarenta dias” entre a ressurreição e a ascensão, quando Jesus estava “falando das cousas concernentes ao reino de Deus” (1.3), o conteúdo principal de seu ensino. Atos narra a continuação do ministério de Jesus através da Igreja. A Igreja Primitiva pregava as Boas Novas do Reino, atendia às necessidades do povo, e também ensinava. À medida que a Igreja crescia em número, os novos convertidos recebiam instruções e “a doutrina dos apóstolos” (2.42), A palavra traduzida “doutrina” é *didaché* (ensino). A Igreja não vivia na emoção de Pentecoste, mas prosseguia no ensino continuo. A educação era incumbência de pessoas qualificadas, “os apóstolos” que estiveram com Jesus. Eventualmente, o ensino apostólico tornou-se parte da Bíblia.

A evangelização e o crescimento da Igreja são sempre acompanhados, fundamentados e consolidados pelo ensino. A Igreja Primitiva experimentou crescimento e edificação em todo sentido (2.47; 5.14; 6.7; 9.31; 12.24; 19.20). Esta edificação visava a uma profundidade na fé, uma firmeza apesar das perseguições, uma ação social e um desenvolvimento da pessoa toda e da Igreja toda. Isto aconteceu por acaso? Não, porque o livro de Atos, do primeiro versículo até o último, fala da centralidade do ensino.

Os freqüentes resumos do evangelista revelam esses dois ministérios sempre

relacionados e constantes. Por exemplo, Atos 5.42 diz: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar, e de pregar Jesus, o Cristo.” Sugere um ensino continuo, formal e informal.

Se, por um lado, o livro dos Atos fala da centralidade do ensino, por outro, a ação do Espírito Santo é uma constante em todo o livro. Isto nos faz refletir e invocar sempre a atuação plena do Espírito ao ensinar para que, enquanto seus instrumentos,せjamos criativos, perspicazes e objetivos.

Ensino era um ministério integrado e impulsionado pelo Espírito na Igreja Primitiva. Em Atos percebe-se o desenvolvimento de uma instituição modelo, comprometida com a Palavra e com a sociedade. A Igreja como instituição cumpre seu papel, atendendo ás inadiáveis necessidades de seus membros e da comunidade e enviando mestres a todas e quaisquer novas comunidades. Quando Barnabé e Saulo (Paulo) foram mandados á nova igreja em Antioquia, sua tarefa principal entre os discípulos era de ensiná-los. Atos 11.26 relata: “E por todo um ano se reuniram naquela Igreja, e ensinaram numerosa multidão.” Este foi o primeiro pastorado de Paulo. O grande apóstolo destacou-se como um mestre cristão. Ele, sem dúvida, pregava, persuadia, e testemunhava. Portanto, na estratégia dele, o ensino ocupava um lugar muito importante.

Em Corinto, Paulo “permaneceu um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus” (At 18.11). Em Antioquia e Corinto, o ensino do apóstolo era prioritário, demorado e sustentado:

A Educação Cristã é um processo demorado e continuo, pois envolve uma transformação progressiva de pessoas e de igrejas. Encontra-se um exemplo desse processo em Atos 18.24-28. Apolo era um mestre de muito talento e estudo, porém, limitado. Os amigos de Paulo, Priscila e Áquila, ofereceram a Apolo uma instrução mais profunda e completa para que ele pudesse progredir para um estágio mais avançado na fé.

Este processo contínuo não se encerrou no livro de Atos. O final deste livro parece ser incompleto. No último versículo Paulo ainda estava em Roma, “pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as cousas referentes ao Senhor Jesus Cristo”. A cortina se abaixa com o velho apóstolo numa prisão domiciliar, pregando e ensinando. A ação dos verbos está incompleta e continua. Do começo até o fim de seu ministério, Paulo pregava e ensinava, desempenhava o ministério de “pastor e mestre”, seguindo o exemplo de Jesus. Com os fundamentos que Jesus e Paulo estabeleceram, ambos com raízes no Antigo Testamento, nós ainda devemos continuar o ensino cristão hoje.

3. O ENSINO PAULINO NAS CARTAS

No livro de Atos encontra-se o mestre Paulo. Seguindo o modelo de Jesus, o apóstolo dedicou-se ao ensino e viveu o que ensinou. Por isso, ele dizia aos crentes imitarem-no (1 Co 4.16; Fp 4.9; 2 Tm 3.9).

Vê-se o processo apologético de Paulo ao entrar nas sinagogas dos judeus, antes de pregar aos gentios. Na sua pedagogia, Paulo inovou e contextualizou, ao utilizar-se

de várias linguagens de comunicação no ensino. Aos judeus de Jerusalém e arredores usou a linguagem do judaísmo rabínico; aos judeus da diáspora, a linguagem da Septuaginta; aos gentios, a linguagem helenística.

O ensino foi feito na era apostólica não apenas pessoalmente, mas também por meio de cartas. As suas comunidades receberam o ensino pessoal e o ensino epistolar. Em ambos pode-se observar a doutrina e a prática em interação saudável e frutífera numa abordagem deliberada, organizada e sistematizada. Nas Cartas é distinto o seu papel ensinador doutrinário, sua preocupação em treinar e determinar um estilo cristão de conduta. E a fé vivenciada, que Paulo mesmo exortou a que fosse imitado.

Podemos usufruir da riqueza dos ensinos do período apostólico e da Igreja Primitiva, e especialmente de Paulo, por causa das Cartas. Aquelas igrejas não mais existem, nem tampouco aquelas pessoas. Portanto, o valor pedagógico das Cartas permanece até hoje.

A Epístola aos Romanos é uma apresentação sistemática das grandes doutrinas cristãs (capítulos 1-11), e também da aplicação destas doutrinas na vida prática (capítulos 12-16). Desta carta percebe-se que o ensino neotestamentário é deliberado, organizado e sistemático. Também notam-se seus aspectos doutrinários, ou seja, a teoria, juntamente com os aspectos práticos, ou seja, a aplicação. Ambas, doutrina e aplicação, são essenciais no ensino do cristão.

Paulo escreveu aos Romanos, cuja comunidade não havia visitado ainda, e aos Coríntios, cuja Igreja ele fundou. Em Corinto, ele se dedicou ao ensino por um ano e meio. Após a sua partida, surgiram alguns problemas e muitas perguntas na Igreja, e Paulo lhes escreveu para confrontar os problemas e responder as perguntas. Descobre-se, portanto, a natureza histórica ou contextualizada do ensino cristão. O Mestre trata dos problemas atuais no contexto e responde às questões relevantes e urgentes. O ensino de Paulo evidentemente foi altamente contextualizado e problematizador. Tanto que, ao surgirem novas circunstâncias e problemas, ele escreve nova missiva.

Peter Wagner, em um estudo sobre a primeira carta aos Coríntios, propôs uma chave hermenêutica em que estuda o livro “problema por problema”; a chave é: problema, princípio, solução. O que é “absoluto” e deve permanecer até hoje é o princípio, e não necessariamente a solução ou aplicação específica naquela situação⁵.

Uma das perguntas dos Coríntios referia-se ao assunto de dons espirituais na Igreja. Em 1 Coríntios 12.28, Paulo enumera alguns dos dons ou ministérios principais. “A uns estabeleceu Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro lugar mestres...” Este versículo, juntamente com outros (12.7,11; Ef 4.12), nos deixa claro que todos os membros do corpo de Cristo possuem dons e ministérios, e que o único doador O Deus.

Falando sobre os dons no capítulo 14, Paulo esclarece a finalidade deles, que, de acordo com os versículos 4,5 e 12, é “a edificação da Igreja”. Em Efésios 4.12 ele confirma esse fato e acrescenta que os dons servem para “o aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço (ministério), para a edificação do corpo de Cristo”.

⁵ WAGNER, C. Peter. Se não tiver amor... 2. ed. Trad. Hans Udo Funchs. Curitiba: Luz e Vida, 1987. pp. 28-30.

Nas listas de dons e ministérios em Romanos 12.6-8 e 1 Coríntios 12.8-10 e 28, eles são sugestivos e contextualizados, por isso, podemos acrescentar outros com critérios bíblico-teológicos. De acordo com a teologia dos dons e ministérios desenvolvida nas Cartas, o possível propor paradigmas para a Educação Cristã. Ela tem fundamentos bíblicos quando visa a treinar, preparar, equipar, guiar, motivar e apoiar a fé cristã vivenciada ou um estilo cristão de vida.

Necessário se faz que cada cristão descubra seus dons específicos e receba treinamento e orientação para o uso correto deles. Contudo, falar-se sobre dons hoje é um problema quando os mesmos não são acompanhados de objetivos globais de edificação e mudança de comportamento no povo de Deus. A Igreja precisa fazer ligação entre os dons e os ministérios. Alguém exerce um ministério na Igreja porque tem o chamado de Deus, o dom, e a Igreja lhe dá a oportunidade para usá-lo.

Nas Cartas do apóstolo Paulo, teologia é o embasamento de ministérios que edificam a Igreja e de ética regulativa que orienta o “andar” cristão. Em Efésios 4.1 o mestre roga “que andeis de modo digno da vocação”. Depois, nos versículos 1-16, ele expõe o processo de edificação pelo desenvolvimento dos ministérios. Em Efésios 4.11 encontram-se algumas das pessoas do “corpo docente” que equipa e treina os outros para os ministérios, ou seja, para uma vivência que leve à edificação do todo. A partir do VS. 17 ele fala da ética cristã, usando a palavra “andar” como metáfora-chave (5.2,8,15).

Um cuidadoso estudo das Cartas Paulinas escritas aos cristãos do primeiro século revela que, se o ensino é um fim em si, perde sua força e vitalidade. Porém, quando é um processo integral e ativo no desenvolvimento de ministérios e fé vivenciada, pela dinâmica do Espírito Santo, os resultados são vida e crescimento na Igreja.

Nas Cartas que Paulo escreveu ao seu discípulo Timóteo, vê-se como o mestre cristão era importante. Paulo deu muitas instruções a Timóteo. Entre elas esta: “É necessário, portanto, que o bispo seja... apto para ensinar” (1 Tm 3.2). No tempo de Timóteo, como hoje, uma das qualificações dos oficiais da Igreja é que saibam ensinar. E além de ensinar era importante treinar a liderança: “E o que de minha parte ouviste... isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2.2).

Ao jovem ministro Paulo exorta: “...ensina estas coisas... aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino” (1 Tm 4.11, 13). O Mestre destaca a suprema importância do estudo, do ensino, da “boa doutrina” e das Escrituras, pois “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Tm 3.16).

CONCLUSÃO

Ao analisar o ensino e a metodologia de Jesus, dos apóstolos e da Igreja Primitiva, e de Paulo, é importante notar que a força de todo o ensino neotestamentário, sem dúvida nenhuma, é a fé vivenciada. O exemplo a ser seguido pelo discípulo é fundamental. Nesse particular, a vida do mestre precisa ter a transparência que seu ensinamento requer, e ai está o segredo do sucesso. Fica evidente, portanto, nas Escrituras Hebraicas e também no próprio Novo Testamento, em todas as suas partes, que o ensino é fundamental e central. As bases e as diretrizes bíblicas para a Educação

Cristã são contundentes.

SÍNTES

São destacadas nesta parte as três divisões de ensino que podem ser encontradas no Novo Testamento: Nos métodos de ensino de Jesus o exemplo para os mestres, com sua pedagogia de ação precedendo palavras, o que levava seus discípulos à reflexão.

Nos Evangelhos, o ministério de ensino conforme a Igreja Primitiva, e sua continuidade da propagação das Boas Novas, atendendo ao necessitado no processo.

Finalmente, no empenho ensinador doutrinário de Paulo, nas Cartas, com sua preocupação em treinar e determinar um estilo cristão de conduta.

É a fé vivenciada, e a exortação para que seja por todos imitada - inclusive pelos educadores cristãos dos dias de hoje!

Bibliografia:

PAZMIÑO, Roberto. *Cuestiones fundamentales de la educación cristiana*. Miami: Editorial -Caribe, 1995.

_____. *Principios y prácticas de la educación cristiana*: Una perspectiva evangélica. Miami: Editorial Caribe, 1995.

RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

GROOME, Thomas H. **Educação Religiosa Cristã**: Compartilhando nosso caso e visão. São Paulo: Paulinas, 1985.

TORRES, Carlos Alberto. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo: Loyola, 1979.